

ALGUNS PENSAMENTOS DE MAQUIAVEL

“Os conselhos de Maquiavel aos novos príncipes são formulados em duas partes. Seu primeiro argumento – e esta é uma idéia essencial – é o de que *“os principais fundamentos de todos os estados”* são *“boas leis e boas armas”*. Mais ainda, bons exércitos são até mesmo mais importantes que boas leis, portanto *“não pode haver boas leis onde não há boas armas”*, ao passo que, havendo bons exércitos, *“deve haver boas leis”*.¹

“Se os príncipes não devem conduzir-se de acordo com os ditames da moralidade convencional, como então devem eles se conduzir? A resposta de Maquiavel – que constitui a essência de seus conselhos positivos aos novos governantes – é dada no início do capítulo 15 [do livro O Príncipe]. Um príncipe sábio será guiado acima de tudo pelos ditames da necessidade: *“para manter sua posição”* ele *“deve adquirir o poder de não ser bom (...), e entender quando usá-lo e quando não o utilizar”* segundo exigirem as circunstâncias. (...) Um príncipe sábio *“mantém-se fiel ao que é bom quando pode”*, mas *“sabe fazer o que é mau quando isto for preciso”*. Além disso, deve reconciliar-se com o fato de que, se quiser *“manter seu governo”*, *“com freqüência precisará”* agir de modo *“contrário à verdade, contrário à caridade, contrário à humanidade, contrário à religião”*.²

“Para Maquiavel (...) parecia óbvio que a virilidade caracteristicamente humana não era suficiente. De fato, há duas maneiras de agir, diz ele no início do capítulo 18, das quais *“a primeira é própria do homem, a segunda dos animais”*. Mas *“visto que a primeira freqüentemente não é suficiente, um príncipe deve recorrer à segunda”*. Assim, uma das coisas que um príncipe precisa saber é quais são os animais que deve imitar. O célebre conselho de Maquiavel é que ele se sairá melhor se *“entre os animais escolher a raposa e o leão”*, complementando os ideais da decência própria do homem com as artes indispensáveis da força e da fraude. [Ser] *“temido e respeitado por todos”* [é o que nos ensina Maquiavel].³

“(...) todos os homens, em todos os tempos, *“são ingratos, volúveis, simuladores e dissimulados, prestes a desertar diante do perigo e ávidos por ganhos”*, de tal sorte que *“um príncipe que se baseie inteiramente na palavra deles, se lhe faltam outros preparos, cairá”*. A implicação é que *“um príncipe, e sobretudo um príncipe que é novo”* se verá com freqüência – e não apenas ocasionalmente – forçado pela necessidade de agir *“de modo contrário à humanidade”* se quiser manter sua posição e evitar ser enganado. [§] Estas são dificuldades seríssimas, mas certamente elas podem ser superadas. O príncipe apenas precisa lembrar-se de que, embora não seja necessário possuir todas as qualidades normalmente consideradas boas, é *“muito necessário parecer possuí-las”*. É bom ser considerado liberal; é sensato parecer piedoso e não cruel; de modo geral, é essencial ser *“considerado possuidor de grande mérito”*. Assim, a solução consiste em tornar-se *“um grande simulador e dissimulador”* aprendendo *“como aturdir o cérebro dos homens com artimanhas”* e fazê-los acreditar em sua ficção.”⁴

“(...) a prática da hipocrisia é indispensável ao governo de um príncipe como também que ela pode ser mantida sem grandes dificuldades por quanto tempo for

¹ SKINNER, Quentin, *Maquiavel – pensamento político*, Brasiliense, 1988, p. 53.

² Idem, p. 63.

³ Ibidem, p. 66.

⁴ Ibidem, pp. 69-70.

necessário. Para essa conclusão deliberadamente provocadora, ele apresenta duas razões. A primeira delas é que, **em sua maioria, os homens têm uma mentalidade tão simples, e sobretudo estão tão dispostos a enganar a si mesmos que normalmente eles consideram as coisas pelo que elas aparentam ser, de maneira totalmente acrítica.** A segunda é que, quando se trata de avaliar o comportamento dos príncipes, mesmo os observadores mais sagazes se vêem em grande medida forçados a julgar pelas aparências. Isolado do povo, protegido pela “*majestade do governo*”, a posição do príncipe é tal que “*todos vêem o que parece ser*”, mas “*poucos percebem o que é*”. Assim, não há razão para supor que os seus pecados o denunciem; ao contrário, “*um príncipe que engane sempre encontrará homens que se deixam enganar*”.”⁵

“Um paradoxo semelhante aparece no capítulo seguinte, intitulado “*sobre a Crueldade e a Piedade*”. Também este fora um tema favorito entre os dos moralistas romanos, constituindo o tratado de Sêneca *Sobre a Clemência* o mais célebre exemplo do tratamento dispensado ao tema. Segundo Sêneca, um príncipe piedoso sempre demonstrará “*o quanto o desgosta ter de infligir*” uma punição, a ela recorrendo apenas “*quando grandes e repetidos delitos houverem sobrepujado sua paciência*”, e aplicando-a somente “*depois de muita relutância*” e “*muitas delongas*”, além de fazê-lo com a maior clemência possível. Diante dessa versão da ortodoxia, Maquiavel mais uma vez insiste em que ela representa uma total incompreensão da virtude em pauta. Se de início um príncipe tentar ser piedoso, de modo que “*permite que os males continuem*”, só recorrendo à punição depois que “*os assassinatos ou a pilhagem*” tiverem começado, sua conduta será muito menos clemente que a de um príncipe que tenha a coragem de começar “*dando alguns poucos exemplos de crueldade*”. Maquiavel cita o exemplo dos florentinos que, em certa ocasião, querendo “*escapar da pecha de serem chamados de cruéis*”, agiram de tal modo que o resultado foi a destruição de toda uma cidade – uma conseqüência horrivelmente mais cruel que qualquer crueldade que pudessem ter inventado. Tal atitude é comparada com a conduta de César Bórgia, que “*era considerado cruel*”, mas usava “*esta sua conhecida crueldade*” tão bem que “*reorganizou a Romanha*”, unificou-a e pôde “*conduzi-la à paz e à lealdade*”, alcançando todos esses resultados benéficos por meio de sua alegada brutalidade. [§] Isso leva Maquiavel a uma outra questão que tem muita relação com esta, e que ele apresenta – com o mesmo ar de paradoxo consciente – no mesmo capítulo: “*é melhor ser amado que temido, ou o contrário*”. Mais uma vez, a resposta clássica fora dada por Cícero em *A Obrigação Moral*. “*O temor constitui tão-somente uma salvaguarda precária para um poder duradouro*”, ao passo que se pode “*confiar no amor para mantê-lo seguro para sempre*”. E, mais uma vez, nesse ponto Maquiavel registra seu total desacordo com os clássicos. “*É muito mais seguro para um príncipe*”, replica, “*ser temido que amado*”. E isto porque muitas das qualidades que fazem um príncipe amado também tendem a torná-lo desprezível. Se teus súditos não têm nenhum “*horrível temor à punição*”, eles se aproveitarão de todas as oportunidades para enganar-te em seu próprio benefício. Mas se fazes com que te temam, hesitarão em ofender-te ou prejudicar-te, e com isso acharás muito mais fácil manter teu estado”.”⁶

⁵ Ibidem, pp. 71-72, negritos meus.

⁶ Ibidem, pp. 73-74.